



# O PATRIARCADO ECUMÊNICO DE CONSTANTINOPLA

## Uma breve história



### INTRODUÇÃO

O Patriarcado Ecumênico de Constantinopla é a manifestação mais marcante da viabilidade contínua - mais de 1500 anos - das instituições bizantinas mais criativas: a Igreja Ortodoxa Oriental. E justificamos: foi a Igreja Bizantina, administrada pelo Patriarca de Constantinopla, que converteu os godos - os primeiros ancestrais dos povos germânicos modernos - que levou o cristianismo às massas eslavas no Leste Europeu, que evangelizou alguns dos povos da Ásia Ocidental e do Norte da África e, acima de tudo, que formou o espírito religioso único que permeou todos os aspectos da civilização bizantina.

Trabalhando lado a lado com o Imperador em Constantinopla, o Patriarca desempenhou um papel decisivo na preservação da fé ortodoxa nos tempos perigosos dos repetidos ataques a Bizâncio pelos persas, godos, avaros, eslavos, árabes, normandos, búlgaros, sérvios, selêucidas e turcos otomanos. E quando Constantinopla, a grande cidade imperial, a «*cidade guardada por Deus*», finalmente caiu ante os turcos otomanos em 1453, foi o Patriarca - e seu clero - que conseguiu manter viva a fé ortodoxa

e a universal cultura helênica durante uma longa e repressiva ocupação turca otomana que viu a destruição das igrejas, a supressão - na Grécia e nos Balcãs pelo menos - de praticamente todas as escolas de aprendizado, e as pressões diárias exercidas pelos conquistadores sobre sua população escrava.

No período otomano, no entanto, o Patriarca conseguiu demonstrar boa parte de sua autoridade, embora sempre sob o sultão, mantendo e sustentando "a capa e a espada" a Tradição Eclesiástica Ortodoxa em sua originalidade mais legítima. Em tempos mais recentes, no entanto, especialmente nas últimas décadas, e apesar do ambiente hostil que o cerca, o Patriarca Ecumênico tem mostrado em tempos críticos da Igreja e da humanidade, aquela criatividade, dinamismo e vanguarda bizantina e constantinopolitana da qual é arauto e defensor. A estima ortodoxa e não ortodoxa por sua autoridade permanece alta como sempre, mas a *perseguição de várias naturezas* a que o Patriarca e seu rebanho em Constantinopla são submetidos parece ser o teste mais difícil neste período sério da humanidade.

Quando e como a instituição do Patriarca de Constantinopla se origina? Quais eram seus papéis e privilégios e, em particular, qual era a sua relação com seus pares patriarcas, em particular com o Papa e Bispo de Roma? Para compreender essas questões complexas, devemos retornar ao primeiro período da Igreja Cristã, o período apostólico imediatamente após a morte e ressurreição de Jesus Cristo.

Neste primeiro século d.C., o cristianismo foi proscrito pelos imperadores pagãos de Roma. No entanto, graças aos esforços dos apóstolos, conseguiu se disseminar por todo o vasto Império Romano, especialmente no Oriente Heleno. Os apóstolos tendem naturalmente a realizar sua missão nos centros urbanos densamente povoados do Império Romano. E são esses centros, nos quais os apóstolos eram frequentemente martirizados pela fé, que logo se tornaram os principais centros do cristianismo. Consequentemente, uma certa «teoria da apostolicidade» desenvolveu-se gradualmente no Ocidente, segundo a qual a classificação relativa das grandes sedes ou bispados na organização eclesial cristã dependia da importância do apóstolo em particular por cujo trabalho missionário havia sido constituído.

Portanto, porque - como creem os cristãos latinos e muitos outros cristãos - não apenas Pedro, o «chefe» –πρωτοκορυφαίος– dos apóstolos, mas também Paulo foram martirizados e sepultados em Roma, essa cidade deveria manter o status de primeira entre todas as sedes do cristianismo. De acordo com o evangelista Mateus, Cristo disse a Pedro: «*Tu és Pedro e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja*» [1]. A Igreja Ortodoxa sustenta que Jesus Cristo se refere à fé de Pedro e que essa fé é compartilhada por todos os bispos da Igreja. Neste sentido cardeal e necessariamente espiritual, todos os bispos, e não apenas os sucessores nas sedes criadas por Pedro, são seus sucessores. Constantinopla, também, afirma sua fundação apostólica, pois acredita-se que o

apóstolo André, irmão de Pedro e saudado como «o primeiro chamado» – πρωτόκλητος– Apóstolo de Cristo, viajou e fez muitas conversões nos arredores de Bizâncio, em algumas partes da Grécia e onde atualmente é o sul da Rússia. Após este valioso serviço missionário, André finalmente morreu gloriosamente como mártir da fé cristã na cidade helênica de Patras, no Peloponeso, onde foi crucificado à maneira de um criminoso comum por ordem do governador romano pagão. Santo André é, pois, o santo patrono do Patriarcado de Constantinopla.

Por mais importante que o conceito de apostolicidade fosse na história eclesiástica, os historiadores da Igreja demonstraram que havia outra anterior a essa teoria, cujo surgimento deveu-se a certas demandas práticas. Esta foi a «teoria da acomodação», ou seja, a crença de que a importância de uma grande sede ou bispado dependia principalmente de sua posição política na organização do Império Romano, que por sua vez era imitada pela organização da Igreja. Roma, de acordo com este critério, embora gozasse da importância de ser a capital original do Império Romano, foi mais tarde equiparada ao status de Constantinopla, quando a capital imperial foi transferida para a antiga cidade de Bizâncio, chamada de Constantinopla por seu fundador, o primeiro imperador cristão, Constantino, o Grande. Este evento marca o início do que os historiadores, principalmente ocidentais, chamam de «Império Bizantino». Nós pessoalmente, não subscrevemos esta teoria. Há uma continuidade transcendental no Império Romano que não é alterada nem pela mudança de sede nem pelo reconhecimento da religião cristã. É por isso que os cristãos no Oriente como no Ocidente continuam a ser chamados de romanos – Rum, Ρωμαίος, Ρωμιός – como sinônimo de cristãos ortodoxos. Evidentemente, as decisões tomadas pelo Grande Constantino alteraram radicalmente a fisionomia do Império, mas seria um olhar obtuso e parcial considerar o chamado «Império Bizantino» como outro diferente do Império Romano e não o identifica-lo com aquele.

## **AS CINCO FASES DA HISTÓRIA DO PATRIARCADO**

A história do Patriarcado Ecumênico de Constantinopla pode, por razões de conveniência, dividir-se em cinco grandes períodos, a saber:

- 1) que se estende do ano 330 d.C., fundação de Constantinopla por Constantino, até o fim da luta iconoclasta no chamado «triunfo da Ortodoxia» de 843.
- 2) desde o ano 843, fim da queda de Constantinopla pelos latinos na «IV Cruzada» de 1204, estendendo-se por uma ocupação de meio século;

3) de 1261, recuperação de Constantinopla das mãos de seus conquistadores latinos pelo imperador Michael Paleologista, até a queda final da capital nas mãos dos turcos otomanos em 1453;

4) a chamada Turcocracia, do início da ocupação turca, em 1453, até a declaração de independência da Grécia, em 1821; e,

5) a era moderna, de 1833 até os dias atuais.

Devido ao seu principal papel histórico, especialmente na formação e cristalização dos dogmas e das tradições cristãs, e não menos importante, na exposição e preservação destes diante dos perigos contínuos, o Patriarcado de Constantinopla, na pessoa de seu cabeça, o Patriarca, adquiriu o título entre a hierarquia da Igreja Ortodoxa de «*primeiro entre iguais*».

Diferentemente de Roma, no entanto, o Patriarcado Ecumênico não exerce nenhum tipo de hegemonia de qualquer natureza sobre os demais patriarcados ortodoxos e/ou igrejas autocéfalas. Sua posição baseia-se na Tradição da Igreja e deve ser entendida como uma autoridade espiritual; como tal, o Patriarca é considerado e estimado por todos com grande devoção e respeito como o recipiente e defensor de uma antiga e legítima herança espiritual e administrativa, a principal ponte de conexão e união entre todas as igrejas ortodoxas e garantia de sua coesão em relação ao mundo cristão remanescente. Com essa consideração fundamental em mente, vamos agora, ainda que brevemente, ver a história do Patriarcado de Constantinopla.

## **PERÍODO DE FORMAÇÃO**

O primeiro período, 33-843, foi a época de formação de toda a Igreja Ortodoxa. Este tempo foi crucial para a Igreja, um período de problemas profundos, tanto internos quanto externos, como as questões vitais da formulação do dogma, a supressão das heresias, o uso da cultura helênica clássica pela Igreja para facilitar a exposição do dogma, e a relação do Imperador com o Patriarca em relação a Igreja, foram resolvidas.

O Patriarca de Constantinopla Gregório, originário da Capadócia, prestou um serviço inestimável à Igreja Cristã contra a primeira grande heresia, o arianismo. Também desempenhou um papel fundamental na luta contra os macedonianos (Macedonianismo) e os eunomianos, chamados «pneumatômacos», que negavam a divindade do Espírito Santo; presidiu o Segundo Concílio Ecumênico realizado em Constantinopla durante o qual a Igreja condenou tal heresia e confirmou a crença na divindade total do Espírito Santo e de sua consubstancialidade com o Pai e o Filho.

Os serviços de Gregório foram marcado sobremaneira por seu testemunho de vida, erudição, exegese bíblica e proclamação eloquente de tais dogmas, pelo que a Igreja Ortodoxa lhe outorgou o título de «O Teólogo». Seu amigo próximo, o Grande São Basílio da Capadócia, embora nunca tenha sido patriarca de Constantinopla, foi bispo de Cesareia na Ásia Menor, e também deu sua contribuição vital para defender a doutrina ortodoxa sobre a Trindade, a pessoa de Cristo e do Espírito Santo. Além disso, foi quem formulou a regra que logo se tornaria a regra definitiva para a orientação dos muitos monges no Oriente. E, não menos importante, preservou para o cristianismo o precioso legado da literatura e filosofia pagãs clássicas helênicas, conciliando com a doutrina cristã e demonstrando como um conhecimento exigente dos helenos clássicos era indispensável para uma compreensão mais profunda da fé cristã. Outro campeão da ortodoxia primitiva foi João Crisóstomo. Originário do Patriarcado de Antioquia, tornou-se um dos mais célebres Patriarcas de Constantinopla. Suas homilias contra as heresias e a imoralidade, reinantes em sua época, eram tão eloquentes, com um estilo tão refinado, tão cheio de elevado teor teológico e espiritual que lhe valeu o universalmente reconhecido título de «Crisóstomo» - «boca de ouro».

O valor da obra destes veneráveis Pais da Igreja Primitiva, em um período histórico crucial para a Igreja Ortodoxa em geral e para o Patriarcado de Constantinopla em particular, não pode ser subestimado. Não foi apenas um papel decisivo no estabelecimento e proclamação dos dogmas de toda a Igreja do Oriente e do Ocidente contra as heresias de Ario, Nestório, Dióscoros, Eutiques e outros, mas sua vida exemplar, dedicação e lealdade à fé através de seu ofício como hierarca da Igreja sempre serviu como exemplo inspirador aos seus sucessores.

Foi durante esse mesmo período, em resposta à necessidade de alcançar um acordo sobre crenças doutrinárias e devido a outras diferenças crescentes em matéria de disciplina da igreja e na prática religiosa que os famosos Sete Concílios Ecumênicos foram convocados pelos imperadores. Estes Concílios Ecumênicos foram realizados geograficamente no Oriente Heleno, nas proximidades da cidade imperial de Constantinopla. Suas declarações foram ratificadas tanto pela Igreja Universal como pelos imperadores. A inabalável adesão e lealdade do Patriarca de Constantinopla e dos outros Patriarcas às decisões desses Concílios se traduziu na reivindicação única da Igreja Ortodoxa de ser chamada de «*A Igreja dos Sete Concílios Ecumênicos*».

Além das decisões relativas à doutrina e questões disciplinares tomadas pelos Concílios, é importante assinalar que foi o Segundo Concílio Ecumênico de Constantinopla, que promulgou seu Terceiro Cânone afirmando que «*o Bispo de Constantinopla terá a primazia de honra depois do Bispo de Roma, uma vez que Constantinopla, é a 'Nova Roma'*» [2], disposição que concedeu a Constantinopla a primazia de honra sobre os outros três Patriarcas orientais. Por sua vez, o Quarto Concílio Ecumênico de Calcedônia, realizado em 451, confirmou que a sede de

Constantinopla terá «*privilégios iguais aos da Roma Antiga*» com jurisdição sobre as igrejas do Ponto, Ásia, Trácia e todas as terras dos bárbaros [3].

Durante este primeiro período histórico da Igreja de Constantinopla, a autoridade do Patriarca aumentou gradualmente, embora às vezes parecesse estar sob a tutela do imperador. Este último, por razões políticas, ou como alguns interpretaram, no âmbito da *οἰκονομία*, - transigência - que correspondia à sobrevivência da *βασίλεια* – ou seja, do império-, buscaram, em não poucas ocasiões, até mesmo alterar os dogmas decretados pelos Concílios Ecumênicos, a fim de aplacar os grupos heréticos politicamente perigosos no Ocidente, como os monofisitas, nestorianos ou monotelitas.

Essa tendência de imperadores que buscavam interferir na «vida interior» da Igreja atingiu seu clímax nas ações perpetradas pelos imperadores isaúricos durante a famosa disputa iconoclástica (726-43). De qualquer forma, após uma luta desesperada de mais de um século, a Ortodoxia e sua antiga tradição da veneração dos ícones sagrados finalmente triunfaram e estes últimos foram restaurados com êxito. A principal inspiração para os ortodoxos foi proporcionada pelos esforços de dois monges e teólogos notáveis, João de Damasco e Teodoro, o Estudita, que foram os principais responsáveis pela formulação da doutrina ortodoxa oficial em relação aos ícones.

Como resultado do triunfo da primigênia tradição eclesiástica, a autoridade dos Patriarcas Ortodoxo, que, em geral, lideraram a luta contra os iconoclastas, tornou-se mais importante do que nunca no Império. Isso talvez possa ser simbolicamente visto no fato de que, a partir de então, o Patriarca foi representado por artistas bizantinos em suas pinturas ou mosaicos colocados nos templos no mesmo nível que o imperador em vez de abaixo dele, como era até então habitual.

## **FÓCIO, O GRANDE**

Durante a segunda fase histórica do Patriarcado, que vai de 843 a 1204, ocupou o trono patriarcal de Constantinopla Fócio, que é considerado por muitos como um dos patriarcas mais influentes da era bizantina. Excepcional conhecedor da literatura helênica antiga, da filosofia cristã e da teologia, foi originalmente professor de filosofia na famosa Universidade de Constantinopla - a primeira universidade (ou «escola superior») estabelecida na Europa medieval (...).

É possível que tenha sido Fócio o responsável por uma nova codificação do direito canônico, uma coleção de 14 títulos e, provavelmente, um novo código legal, o

*Epanagoge*, no qual atribuía ao Patriarca um novo status em relação ao imperador. Mas talvez ele seja mais conhecido por seu papel principal na conversão de povos eslavos. Foi Fócio quem, compreendendo mais profundamente a psicologia interna da então semibárbara Morávia eslava - atual repúblicas Checo e Eslováquia -, enviou para evangelizar seu povo, em 862, os irmãos missionários Cirilo Metódio, apóstolos dos povos eslavos, dois helenos de Tessalônica que se dedicaram ao conhecimento da língua eslava criando o atual alfabeto cirílico, traduzindo as Escrituras Sagradas e textos litúrgicos para eslavo. Desta forma, ele os vinculou a Constantinopla em vez de Roma, que também tratava de converter ao cristianismo aquele povo, mas não permitia que a liturgia fosse traduzida para o vernáculo. Fócio foi ainda o principal responsável pela conversão dos búlgaros, que oscilavam entre o catolicismo latino e a ortodoxia. Foi a conversão dos morávios e búlgaros através da obra missionária de Cirilo e Metódio e por iniciativa de Fócio que, mais tarde, os eslavos russos também aderiram ao cristianismo ortodoxo. Além disso, Fócio estabeleceu e organizou a escola patriarcal de Constantinopla para a formação de sacerdotes na literatura e filosofia, bem como na teologia. Finalmente, como geralmente não se costuma lembrar, foi por meio desta iniciativa que pôs fim ao movimento iconoclasta, uma vez que certos intelectuais seguiam, embora secretamente, ensinando seus preceitos heréticos mesmo depois de 843.

Até a publicação da obra do Padre Dvornik [4] o Patriarca Fócio foi considerado pela Igreja Romana como responsável pela origem do primeiro cisma ou divisão entre as Igrejas de Roma e Constantinopla, e o primeiro a formular sistematicamente acusações contra inovações na doutrina e práticas da Igreja Latina.

Foram os precedentes mencionados antes e o evidente fortalecimento da autoridade patriarcal que se desenvolveu sob o patriarcado de Fócio que possibilitou à Igreja e aos patriarcas subsequentes superar os tempos difíceis que se seguiram tanto para o Estado quanto para a Igreja. Na verdade, na época do auge do Império Romano-Bizantino no final do século X e início do século XI, quando, sem dúvida, tornou-se o estado mais poderoso, rico, culto e sofisticado do mundo da época, a corte patriarcal de Constantinopla havia se tornado, em segundo lugar, incomparável em esplendor e no respeito que se lhe atribuía. No interior de sua igreja catedral, a incomparável *Hagia Sophia*, cuja cúpula parecia «*estar suspensa a partir do próprio céu*», para citar o poeta bizantino Jorge de Pisídia, o Patriarca oficiava no mais imponente edifício eclesiástico do cristianismo da época. Para cuidar das necessidades litúrgicas da «*Grande Igreja*» - como a chamavam os *romanos-bizantinos* - o imperador Justiniano decretou, em 537, que se ocupasse uma enorme equipe composta por sessenta sacerdotes, dez diáconos, quarenta diaconisas, noventa subdiáconos, cem leitores, vinte e cinco cantores e cem guardiões.

Não é estranho pois, que os emissários russos, enviados a Constantinopla em 988 para comparar os serviços religiosos com os de outras religiões entre as que consideravam adotar, ficassem tão impressionados com tamanho esplendor e sublimidade da Liturgia que, ao retornarem à sua capital, Kiev, declararam ao seu senhor, o Príncipe Vladimir, o Grande, que em *Hagia Sophia* sentiam estar «no próprio céu». Tal fama de *Hagia Sophia* converteu-se em uma lenda quase mítica conhecida pelos distantes anglo-saxões da Inglaterra que tomaram não apenas certos aspectos da arte bizantina, mas até mesmo o título de βασιλες – *Basileus* – para seu próprio rei, e cujo sétimo arcebispo de Cantuária foi, na verdade, um Heleno, o missionário Theodore de Tarso, da Ásia Menor. Mesmo os vikings da longínqua Escandinávia se referiam a Constantinopla como *Miklegard* ou *Tsargrad* (cidade do imperador), da qual a principal joia era *Hagia Sophia*.

*Hagia Sophia* e o Patriarcado foram admirados no mundo medieval do Ocidente e do Oriente pelo enorme número de relíquias preservadas lá e na Igreja dos Santos Apóstolos, que datavam da época de Cristo, ou pouco depois: a cruz, a coroa dos espinhos, o cinto e o manto da Virgem – os dois últimos: a cruz e a coroa de espinhos, foram consideradas pela população protetores da «*Polis*». Numerosas histórias são preservadas dos séculos XIV e XV que recontam perigosas viagens feitas por peregrinos russos a Constantinopla, sem mencionar os clérigos ocidentais que antes da separação, em 1054, teriam chegado a Constantinopla para contemplar a Igreja dos Santos Apóstolos, onde os imperadores bizantinos foram enterrados, para participar da liturgia em *Hagia Sophia* e, sobretudo, para adorar as relíquias sagradas. Alguns estudiosos modernos acreditam que o Papa Gregório, o Grande - o Diálogo, introduziu em Roma o conhecido canto gregoriano, tendo sido legado papal em Constantinopla (antes de 590), influenciado pelo canto bizantino da Igreja de *Hagia Sophia*, que tinha ouvido tantas vezes.

## **CRESCE A HOSTILIDADE OCIDENTAL**

No século XI, o Império Romano-bizantino começou a declinar rapidamente. Isso não se deveu apenas aos ataques constantes dos muitos inimigos externos ao território do império, muitas vezes por três ou até quatro frentes simultaneamente, mas por causa da instabilidade interna, decadência e correspondente corrupção.

Em última análise, ao menos em parte por causa da rivalidade econômica ocidental - especialmente veneziana - até mesmo pela avidez pelo comércio e pelas riquezas do Bizâncio, e pela rivalidade política com Constantinopla, o Ocidente tornou-se cada vez mais hostil em relação aos bizantinos. Devido à natureza predominantemente religiosa da época, esse antagonismo foi mais claramente



expresso na crescente divisão eclesiástica entre as duas igrejas, especialmente na rivalidade entre o Patriarca de Constantinopla e o Papa de Roma.

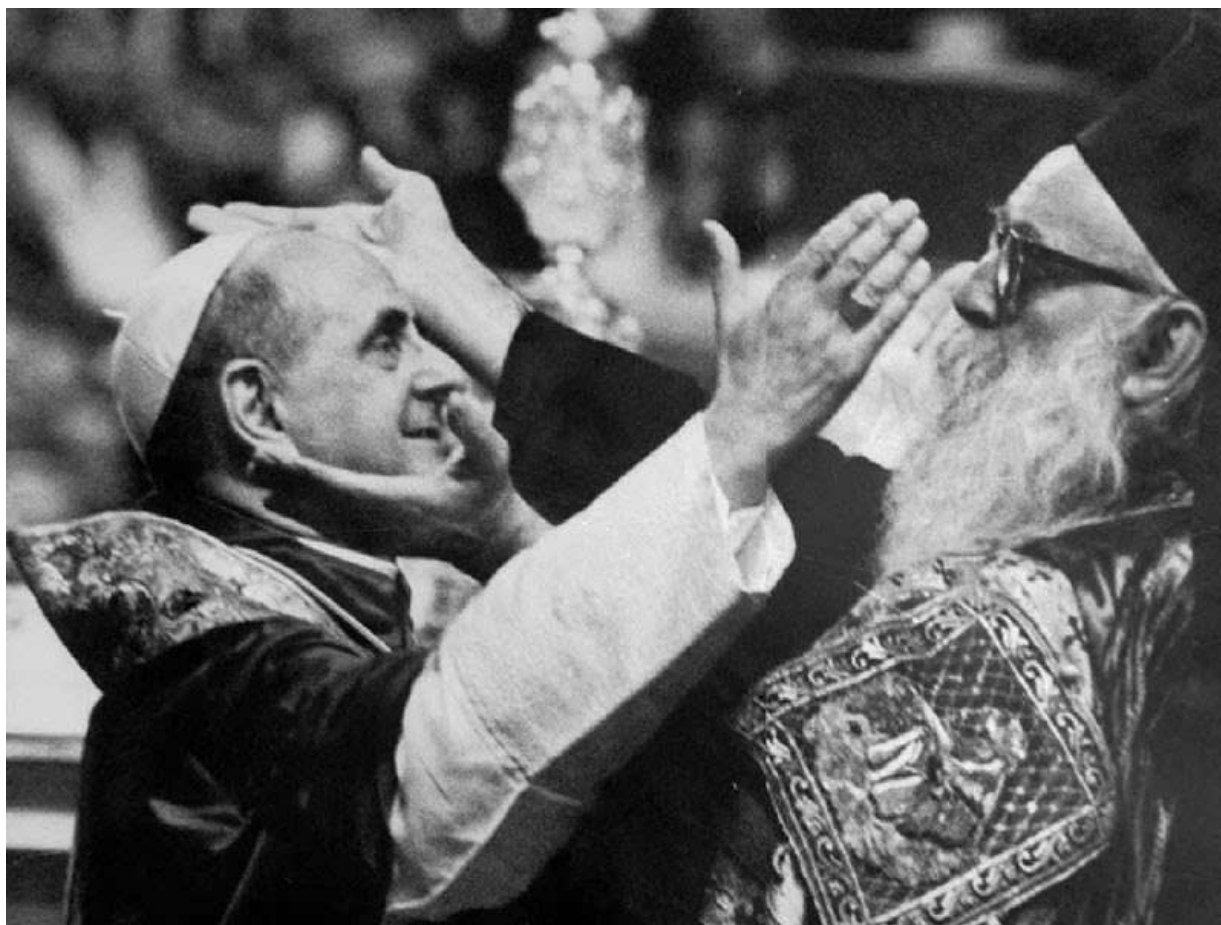
Constantinopla como a «Nova-Roma» reivindicava então igualdade de honra com a antiga Roma; enquanto Roma insistia em sua autoridade jurisdicional sobre os Patriarcas orientais. As Igrejas divergiram, entre outros, no tema do *filioque*, na questão litúrgica dos ázimos [5] e, por último, na diferença no momento e do modo da *epiclesis* no serviço litúrgico [6].

Essas diferenças teológicas e litúrgicas, em especial, chegaram a assumir ainda maior importância no contexto da conquista normanda (católica) no sul da Itália, que ainda conserva a língua grega e era cristã ortodoxa na religião. Nesse período, os Papas sucumbiram à tentação de latinizar o povo ortodoxo de lá, fato que levou aos famosos acontecimentos de 1054, quando ocorreu o chamado «*cisma definitivo*» entre as Igrejas de Roma e Constantinopla.

Naquela época, os legados do papado, indignados principalmente com a oposição do então patriarca de Constantinopla, Miguel Cerulário, à «latinização» do rito ortodoxo entre as igrejas ortodoxas helênicas do sul da Itália, depositaram uma bula de excomunhão contra o Patriarca sobre o altar de Hagia Sophia. Ao contrário do que há muito se acredita, apenas o patriarca Miguel Cerulário «e seus seguidores» foram anatematizados pelos legados papais em Hagia Sophia, enquanto o imperador romano-bizantino e a população foram, de fato, elogiados por sua «ortodoxia». Cerulário imediatamente convocou o Sínodo dos Bispos Residentes - ἐνδημούσα σάνοδος -, que por sua vez respondeu anatematizando os emissários, mas não – há que se assinalar – ao Papa.

No entanto, embora o evento em si não tenha sido de grande importância - dissidências desse tipo não tinham sido incomuns no passado e sempre haviam sido satisfatoriamente resolvidas - em retrospectiva a história fixou este evento como aquele que marca a ruptura final entre os dois Patriarcados. Tragicamente a partir de então, Roma e Constantinopla seguiram, cada qual, seus próprios caminhos.

Foi especificamente para anular essas excomunhões mútuas históricas de 1054, que sempre foram o símbolo manifesto da divisão final dos dois grandes ramos da Igreja Cristã que, por iniciativa do Patriarca Athenagoras, finalmente, em 1965, foram levantadas as excomunhões mútuas, após o encontro histórico em Jerusalém entre o Patriarca Athenagoras e o Papa Paulo VI. Este símbolo, no entanto, não levou à revogação do cisma histórico entre as duas Igrejas.



Infelizmente, as relações entre o Ocidente Latino e o Oriente Ortodoxo pioraram gradualmente, não apenas as relações eclesiásticas, políticas, econômicas, mas também psicológicas. Em última análise, a animosidade entre o Oriente e o Ocidente, consequência das rivalidades econômica e militar, ao mesmo tempo, tornou-se tão forte que o resultado inevitável foi uma das maiores tragédias da história: a conquista ostensiva e saques à Constantinopla em 1204 pelos exércitos «cruzados», a caminho da retomada de Jerusalém sob os muçulmanos.

Após 1204, com um Império Latino estabelecido sobre as ruínas do Império Romano-Bizantino, o que de melhor se conservava, apesar de tudo, era a unidade do povo romano-bizantino que tinha sua fé comum – a Ortodoxia – como o único ponto de coesão, e seu protetor, o Patriarca, que estava sediado em Niceia, prófugo da ocupação latina. Em 1261, após cinquenta e sete anos de ocupação latina, os

romanos recuperaram sua grande capital, Constantinopla, sob o imperador Miguel Paleólogo. Seu primeiro ato, após a recuperação da cidade, em 1261, foi marchar em uma procissão do portão dourado, com o ícone da Virgem *Hodigitria* na cabeça, para Hagia Sophia, onde ele e todo o povo deram graças a Deus.

Assim, de seu lugar de exílio em Niceia, o Patriarcado foi novamente restabelecido ao seu centro tradicional em Constantinopla.

## **OS ÚLTIMOS SÉCULOS BIZANTINOS**

No terceiro período da história patriarcal, 1261-1453, mas especialmente após o final do século XIV, os últimos e maiores inimigos dos romano-bizantinos, os turcos otomanos da Ásia, avançaram cada vez mais para Constantinopla. Neste período, o outrora poderoso Império Romano-Bizantino havia encolhido tanto em território que, em 1300, quase tudo o que restava, além de Constantinopla, fazia parte do que hoje chamamos de Grécia, Macedônia, Trácia e uma faixa da Ásia Ocidental Menor. O perigo do avanço dos turcos logo se tornou tão sério que, a fim de garantir ajuda militar, os imperadores se viram forçados a recorrer à então maior fonte de poder do Ocidente: o Papado. Mas, os Papas de Roma não ofereceriam qualquer ajuda a menos que os romanos os aceitassem como chefe de sua Igreja; em outras palavras, a menos que eles se convertessem à Igreja Latina com todas as suas crenças e práticas.

Os romanos ortodoxos comuns, é claro, se opuseram violentamente a isso, assim como o clero, os monges, quase toda a classe média e a maioria da classe alta. Certas pessoas de classe alta, incluindo alguns poucos prelados, por uma questão de conveniência política, ou às vezes até mesmo por uma admiração pelo vigor da então em voga filosofia escolástica latina, apoiaram esses imperadores que estavam dispostos a pagar o preço papal pela ajuda militar.

Na realidade, o povo romano logo se dividiu em duas facções sobre a questão de se a ajuda de Roma deveria ser aceita: o grupo pró-unionitas e um grupo muito maior que reunia os opositores anti-unionistas. O problema tornou-se tão agudo que, em 1274, em Lyon, no sul da França, e novamente em 1439 no famoso Concílio de Ferrara-Florença, Itália, a união entre as duas igrejas foi temporariamente alcançada, ou pelo menos acordada. Mas o povo romano-bizantino recusou-se a aceitar as decisões desses dois Concílios. Insistiram que, como os cinco Patriarcados não estavam presentes em ambos os Concílios (como o direito canônico romano exigia), que nenhum Concílio posterior os havia declarado «ecumênicos», e como a maioria dos romanos acreditava que os delegados bizantinos tinham sido forçados a aceitá-

los, os dois Concílios Unionistas de Lyon e Florença foram declarados inválidos. Desta forma, o próprio Patriarca, seguido pela grande maioria da população romano-bizantina de Constantinopla, se recusou a comprometer sua fé ortodoxa aceitando a jurisdição papal, presumivelmente, para salvar o Império.

É uma notável ironia da história que nos séculos XII e XV, quando o poder do imperador romano-bizantino foi drasticamente diminuído como resultado do grave declínio territorial do império, a autoridade do Patriarca, pelo contrário, aumentou notavelmente. A Rússia, embora ortodoxa, nunca fez parte politicamente do Império Romano-Bizantino, mas desde praticamente o início de sua conversão com o príncipe Vladimir em 989, o Patriarca de Constantinopla administrou a Igreja Russa. Ele não só nomeava o seu bispo primaz (o metropolitano de Kiev e mais tarde o de Moscou), e enviava para a Rússia o santo crisma, mas também era considerado por todos os eslavos, tanto dos Balcãs quanto na Rússia como o verdadeiro líder do mundo cristão ortodoxo.

Agora as coisas se invertem e, ao contrário dos primórdios, o Patriarca tornou-se, de fato, protetor do imperador. Isso pode ser claramente visto na censura do Patriarca Antônio ao Czar russo, que lhe havia escrito em 1395 que «já não há nenhum imperador». A resposta de Antônio foi que «não pode haver uma igreja sem o imperador». De qualquer forma, os Patriarcas romano-bizantinos realizaram então um trabalho notável na preservação da Ortodoxia, não apenas da propagação dos missionários latinos que pareciam estar em todas as partes do Oriente Imperial, mas também diante de conversões forçadas ou mesmo às vezes voluntárias ao Islã dos romanos conquistados da Ásia Menor.

## **«A TURCOCRACIA»**

Com a trágica queda de Constantinopla nas mãos dos turcos otomanos em 1453, tem início o quarto período histórico do Patriarcado Ecumênico, o da «Turcocracia». Nesta fase, o processo de acumulação de poder nas mãos do Patriarca Ecumênico de Constantinopla é acelerado. O sultão turco assume agora a função do antigo imperador romano-bizantino e restabelece a autoridade do Patriarca, como antes. Sob o sultão Mehmet II, o conquistador, turco de Constantinopla, Gennadios Escolarios, o erudito helênico experiente em filosofia - e um grande patriota - foi investido com sua anuência como o primeiro Patriarca Ortodoxo sob o domínio turco. Um homem enérgico, ortodoxo intransigente que conseguiu obter aquiescências para sua igreja do sultão que o respeitava. Portanto, com o consentimento de Mehmet II, ao Patriarca foi outorgada autoridade não apenas

como líder religioso, mas também como chefe supremo de todos os povos ortodoxos sob os turcos, incluindo sérvios, búlgaros e albaneses, bem como os greco-romanos.

O Patriarca tinha sua própria corte e conserva o antigo cerimonial litúrgico ortodoxo, porém, não lhe foi permitido manter *Hagia Sophia*, que foi então convertida em mesquita turca. Por outro lado, em todos os assuntos políticos estava diretamente sujeito à vontade do sultão. Apesar de sua maior autoridade, o Patriarca, no entanto, teve que andar na corda bamba. Por um lado, apaziguar a autoridade turca que era islâmica e, por outro, alimentar a fé entre os fiéis ortodoxos. As ações dos sultões, especialmente os sucessores de Mehmet II, eram frequentemente imprevisíveis e inconsistentes em relação antecessor. Depuseram patriarcas à vontade e estabeleceram outros manipulando sem escrúpulos sua eleição. A população romana era frequentemente castigada por supostas violações da vontade do sultão, matando os patriarcas através de estrangulamento ou outros meios violentos. As ações patriarcais, portanto, tinham que ser prudentes ao extremo, muitas vezes parecendo inexplicáveis aos de fora, já que lutava para proteger seu rebanho e até mesmo conseguir sobreviver. Sua chamada diplomacia «*fanariota*» (de «Fanar», a última sede do Patriarcado de Constantinopla para a qual foi movido sob o Império Otomano) às vezes tinha que ser mais complexa e intrincada do que durante o próprio período romano-bizantino.

Dois dos mais notáveis patriarcas durante este período de dominação turca foram Jeremias II, século XVI, e o famoso Cirilo Loukaris, século XVII. Jeremias foi patriarca durante o primeiro período da Reforma Protestante; de fato, vários dos reformadores protestantes, particularmente o sobrinho de Johann Reuchlin, Philipp Melancthon, alimentava a esperança de chegar a um acordo com o Oriente Ortodoxo agora haviam rompido com Roma. Melancthon, portanto, enviou uma profissão de fé luterana que havia elaborado com Jeremias em Constantinopla, aguardando a aprovação do Patriarca Ortodoxo. Mas Jeremias, longe de aprová-lo, enviou em resposta uma carta condenando várias das novas crenças protestantes. Não concordava com a crença luterana da «presença real» na comunhão. Condenou também a crença luterana da justificação apenas pela fé, e afirmou a necessidade de «boas obras» bem como a graça de Deus na salvação humana. No entanto, Jeremias participou de amigáveis intercâmbios com vários grupos protestantes e recebeu em Constantinopla, muitas vezes em segredo, certos ocidentais com os quais ele teve conversas elucidativas e uma animada correspondência.

Cirilo Loukaris, o célebre Patriarca de Creta do século XVII, é frequentemente acusado de ter buscado secretamente a «protestantização» da Igreja Ortodoxa. Durante seus estudos na Europa Ocidental, ele entrou em contato com ideias

protestantes calvinistas. E quando mais tarde se tornou Patriarca, estendeu seu favor aos enviados protestantes em Constantinopla. Em 1629, uma Confissão de Fé atribuída ao Patriarca Cirilo foi publicada em Genebra na qual, inequivocamente, expressa crenças calvinistas. Talvez Cirilo, pessoalmente, poderia certamente ter se sentido atraído por certas crenças calvinistas, mas seu suposto desejo de impor essas crenças à Igreja Ortodoxa é duvidoso. De qualquer forma, a Confissão de Fé de Genebra, (cuja atribuição a Cirilo muitos de seus próprios clérigos próximos negaram) foi condenada como herética por vários Concílios Ortodoxos locais realizadas posteriormente no Oriente.

Não se pode esquecer que um dos principais objetivos de Cirilo foi o de iluminar e elevar o nível educacional de seu clero e rebanho, que no século XVI e início do século XVII havia caído a um ponto extremamente baixo devido à longa opressão turca. Além da Escola Patriarcal de Constantinopla, os turcos proibiram o uso de outra escola em Helena. As únicas escolas que operavam no que agora chamamos de «Grécia» eram aquelas em áreas gregas então sob o domínio veneziano, como em Creta, Corfu ou nas Ilhas Jônicas. Loukaris vivia constantemente cuidadoso sob a vigilância de seus voláteis senhores turcos que, de fato, o depunham frequentemente apenas para restaurá-lo em seu posto em seguida. Acabou morrendo como mártir, estrangulado nas mãos dos turcos. Além de mencionar suas contínuas tentativas de educar seu rebanho ortodoxo, vale assinalar seu feito de ter fundado a primeira imprensa helena em Constantinopla.

A experiência desses dois Patriarcas foi piorada ainda mais pelas de seus sucessores. No entanto, cada Patriarca, sem exceção, cumpriu seu dever para com a Igreja e, ao mesmo tempo, trabalhou para a preservação do sentido de comunidade entre os romano-helenos de Constantinopla e os da região continental. Em grande medida, os patriarcas de Constantinopla, ainda que inadvertidamente, contribuíram para a formação do sentido helênico moderno da consciência nacional que, finalmente, eclodiu na revolução de 1821. Alguns estudiosos acreditam que os Patriarcas, mesmo aderindo de maneira indiscriminada à antiga herança imperial bizantina-romana na forma da chamada «grande ideia» - ή μεγάλη ιδέα - buscaram a restauração de todas as áreas de língua helena, em contraste com a ideia de poder dos heróis da revolução grega como Koraís, baseada em uma nação grega moderna. O contraste, porém, certamente pode ser descoberto quando se leva em conta o objetivo da fé ortodoxa e da tradição helênica.

Frequentemente ignorado pelos historiadores, um papel muito importante no nascimento da nação grega moderna também foi desempenhado pelos muitos refugiados helênicos que teriam fugido da ocupação turca para áreas ocidentais

após 1453 e até o final do século XVI. Estabeleceram importantes colônias gregas em Nápoles, Toledo e, mais tarde, Paris, Odessa, Budapeste, Viena e, sobretudo, nos princípios, em Veneza – entre os quais, alguns eruditos e artistas deram sua inestimável contribuição para o desenvolvimento do Renascimento Italiano e Ocidental em geral. Às vezes, por conveniência - por exemplo, para garantir o emprego no Ocidente - alguns desses exilados helênicos ofereciam pessoalmente sua lealdade ao Papado, mas sempre mantinham sua língua e ritual eclesiástico bizantinos. Foi essa a combinação da Igreja Ortodoxa e da antiga cultura grega, que agora estava conscientemente revivendo, e que agiu em conjunto para fortalecer o desenvolvimento do espírito da etnia helênica.

Como chefe nominal do «*millet*» -nação- helênico, o Patriarca realizava tanto quanto possível o elaborado cerimonial das antigas cortes imperiais, assim como aquelas patriarcais bizantinas. Muitos, se não a maioria, dos tradicionais títulos imperiais e eclesiásticos romano-bizantinos foram preservados. Desta forma, os títulos atualmente atribuídos pelos Patriarcas a pessoas que se destacam em seu serviço ao Patriarcado, os Arcontes da Santa e Grande Igreja de Cristo, p. ex., têm suas origens na época da Turcocracia ou, em alguns casos, até 1000 anos antes, ou seja, nos primórdios da era bizantina.

Como vimos, o Patriarca durante o período anterior a turcocracia, preservou a escola patriarcal, e nesta foram instruídos muitos dos proeminentes hierarcas posteriores. O Patriarca também manteve uma estreita relação com as várias comunidades helênicas da «diáspora» no Ocidente, assistindo-as quanto possível em seus confrontos com o Papado ou com as autoridades eclesiásticas locais em suas pretensões de «latinização» -, como em Veneza, Ucrânia e entre os eslavos dos Balcãs. Não poucas vezes, é claro, a vida dos Patriarcas neste período histórico esteve em perigo ou mesmo cerceada, se o sultão os considerasse excessivamente independentes.

De qualquer forma, nos séculos XVI e princípios do XVII, período histórico caracterizado pela mais profunda obscuridade cultural do povo helênico, foi o Patriarcado Ecumênico, liderado pelo Patriarca de Constantinopla e representado localmente por seu clero, que teve o principal mérito em relação à preservação da nação romano-helena «ethnos» e da Igreja Ortodoxa em geral, duas instituições e conceitos que desde então se tornaram cada vez mais inter-relacionados na consciência do povo. Esta união dada neste período é uma das razões pelas quais, para os ortodoxos em geral, e para os romano-helenos em particular, é tão difícil conceber a Igreja Ortodoxa sem a cultura helena, uma identificação tradicional que

teria existido naturalmente nas consciências da nação cristã ortodoxa durante séculos antes desta renovação.

Vale novamente ressaltar que o papel do Patriarca Ecumênico foi fundamental na preservação do patrimônio cultural grego, juntamente com a tradição litúrgica e eclesiástica ortodoxa. No entanto, quando a guerra da independência grega finalmente eclodiu em 1821 - e foi um bispo local na Grécia que primeiro plantou a bandeira da revolução - o Patriarca de Constantinopla, com o Sultão exercendo sua autoridade indeclinável sobre ele, dificilmente poderia, por razões óbvias, abençoar abertamente o movimento. No entanto, suas simpatias e intenções sempre foram claras. Tanto que o sultão ordenou o enforcamento do Patriarca Gregório V, mártir da Nação, na porta principal do Patriarcado.

## **A ERA MODERNA**



Em 1883, após o êxito da independência grega em várias áreas de língua grega, uma nova fase histórica se abriu para o Patriarcado. Agora, a Igreja na Grécia, devido as graves dificuldades enfrentadas sob a autoridade de um Patriarca que se encontrava à sombra repressiva do Sultão, declarou-se autocéfala. No entanto, após um período de difícil provas, as relações entre a Igreja da Grécia e o Patriarcado mantinham-se intactas, muito mais estreitas do que as relações entre o Patriarcado e os muitos outros ramos «nacionais» da Igreja Ortodoxa.



Um evento significativo na história do Patriarcado foi a inauguração, em 1844, na ilha de Halki, na cidade de Constantinopla, de uma escola teológica de alto nível para a formação do clero não só do Patriarcado, mas de toda a Ortodoxia. Devido ao baixo nível da formação eclesial do clero no Oriente Ortodoxo havia uma forte necessidade de educação teológica adequada; a primeira oportunidade foi dada, desde o fim do período romano-bizantino, de uma instituição do gênero fosse estabelecida na jurisdição patriarcal. A escola teológica de Halki operou e manteve sua importância teológica até seu fechamento forçado pelos turcos em 1972. Havia também em Constantinopla – e algumas ainda estão ativas – escolas para a educação dos leigos – em particular «a grande escola da nação» – que estavam de diversas maneiras, direta ou indiretamente relacionadas ao Patriarcado e que formavam figuras e líderes helênicos modernos como Adamantios Koraís.

Com o apoio moral mais aberto que o Patriarcado passou inevitavelmente a dar à nova nação da Grécia e, mais importante, com o surgimento de um Estado secular turco sob a liderança de Kemal Atatürk, em 1921, a posição do Patriarca de Constantinopla - que logo será renomeada por Kemal Istanbul - tornou-se mais precária do que nunca. A situação do Patriarca foi naturalmente afetada pelo número e a realidade da população romano-helena da cidade, ou seja, dos paroquianos que o circundavam mais proximamente. Ainda em 1920, havia provavelmente cerca de 100 mil gregos em Constantinopla. Mas, com o fim da Primeira Guerra Mundial e, especialmente, com o desastre do exército helênico de Esmirna, em 1922, após a Guerra Greco-Turca e a consequente destruição do Helenismo na Ásia Menor, o destino do Patriarca de Constantinopla pendia precariamente sobre uma realidade multifacetada e perigosa. Ficou claro que o governo turco pretendia agora livrar-se definitivamente do Patriarcado.

Em 1923, um ano depois, como resultado da intervenção das grandes potências, foi assinado o Tratado de Lausanne, segundo o qual todos os heleno-romanos da Ásia Menor e a maioria dos turcos da Grécia deveriam ser respectivamente repatriados. A única exceção deste intercâmbio populacional foi a dos turcos da Trácia Ocidental e dos helênicos que viviam em Constantinopla, que foram autorizados a permanecer onde residiam. Porém, o mais importante para a Igreja Ortodoxa foi que o Tratado garantiu a presença contínua do Patriarcado em sua sede histórica, Constantinopla, livre de limitações ou restrições impostas pelo governo turco. Não só a Turquia e a Grécia assinaram o pacto, mas também França, Inglaterra Itália e Estados Unidos. Pareceria que o futuro do Patriarcado de Constantinopla estava agora assegurado. No entanto, o Patriarcado logo se tornou um como um peão, refém das relações políticas que se desenvolveram entre a Grécia e a Turquia. Isso se revelou especialmente quando explodiu a crise cipriota. Para exercer pressão sobre a Grécia, o governo turco usou como estratégia submeter o Patriarcado a intermitentes

assédios. Em setembro de 1955, culminando anos de perseguições sutis – e, algumas vezes, nem tanto - a política turca desencadeou um ataque sem sentido organizado pelas autoridades contra a comunidade romana-helena e armênia de Constantinopla. Suas igrejas, escolas, casas, cemitérios e lojas foram submetidos a vandalismo selvagem e, portanto, destruídos da pior maneira. Vale ressaltar que este evento, surpreendentemente bárbaro, passou quase despercebido pela imprensa ocidental.

O então patriarca ecumênico Athenagoras, talvez o Patriarca Ortodoxo mais relevante dos tempos modernos, acreditava na conciliação entre romanos e turcos. Assim, para garantir a sobrevivência do Patriarcado de Constantinopla, achou melhor agir com grande contenção sobre as medidas que os turcos impuseram à comunidade romana e ao Patriarcado.

Embora o corajoso projeto em relação aos turcos não tenha alcançado os seus objetivos, a política visionária de Athenagoras de alcançar a reconciliação entre os ortodoxos e as outras grandes igrejas do cristianismo abriu um novo e histórico capítulo nas relações ecumênicas cristãs. Assim, em 1964, o Papa Paulo VI se reuniu em Jerusalém, na primeira reunião de um Papa e com o Patriarca em mais de meio milênio. O resultado desta primeira reunião foi a anulação mútua, tanto em Roma quanto em Constantinopla, em 7 de dezembro de 1965, das históricas excomunhões mútuas de 1054.

A visão do Patriarca era ampla e de longo prazo. A fim de fortalecer a Igreja Ortodoxa como um todo e ao mesmo tempo como uma preparação comum para possíveis novas relações entre as Igrejas Ortodoxa e Latina, o Patriarca Athenagoras também deu o passo sem precedentes de convocar uma série de Conferências Panortodoxas com objetivo de reunir no futuro um «Santo e Grande Sínodo da Igreja Ortodoxa» [7]. Estas medidas ousadas e imaginativas do Patriarca Athenagoras foram sustentadas e levadas a cabo com insistência por seus sucessores Demétrio e Bartolomeu, colocando assim o Patriarcado Ecumênico no centro do cenário dos assuntos ecumênicos cristãos e dando-lhe papel de liderança neste aspecto da renovada vida da Igreja Ortodoxa moderna.

Infelizmente, apesar das garantias estipuladas pelo Tratado de Lausanne, os turcos continuaram a subjugar, de todos os modos e o quanto possível, a posição do Patriarcado de Constantinopla. Muitas das igrejas da «Cidade» foram suprimidas ou fechadas, e o Patriarca e sua corte foram forçados a suportar humilhação após a humilhação, além de restrições especialmente projetadas para enfraquecer seu poder e ação. Clérigos patriarcais eram frequentemente proibidos de viajar para o

exterior a fim de realizar seus deveres eclesiásticos, proibição de restaurar os edifícios patriarcais, e, muito pior, a histórica escola teológica em Halki, orgulho do Patriarcado e bastião de sua liderança teológica, em 1972 foi permanentemente fechada pelos turcos.

Apenas alguns milhares (cerca de 4.000) dos fiéis ortodoxos permanecem em Constantinopla. É claro que este é um dos momentos mais críticos na história de 2.000 anos do Patriarcado. No entanto, esta venerável instituição conseguiu realizar sua missão de liderança sobre as Igrejas Ortodoxas do mundo, apesar da subjugação, restrições de todos os tipos e das perseguições a que foi submetida.

Todos os ortodoxos do mundo o consideram «o primeiro entre iguais» entre as Igrejas Ortodoxas. Mas, prosseguir cumprindo sua alta missão adequadamente nesses momentos históricos críticos, requer assistência e atenção sempre alerta às suas necessidades particulares. Nos últimos anos, no entanto, tem havido alguns sinais de um futuro melhor para o Patriarcado. Já em 1986, as autoridades turcas concederam permissão para a reconstrução de um novo edifício administrativo para substituir a ala do antigo edifício patriarcal consumida por um incêndio em 1941. Esta imponente nova estrutura foi inaugurada no final de 1989 em uma cerimônia que contou com a presença de muitas personalidades notáveis de todo o mundo.

Enquanto isso, seguindo os passos do Patriarca Athenagoras, seu sucessor Patriarca Demetrios, viajou em 1987 para Roma onde foi recebido pelo Papa João Paulo II. Em uma cerimônia solene na Basílica de São Pedro, os Patriarcas do Oriente e do Ocidente recitaram juntos, em grego, o Símbolo Niceno-Constantinopolitano da Igreja como originalmente expresso sem o *filioque*. Pela primeira vez na história moderna, o Papa João Paulo II e o Patriarca Demétrio, de pé juntos na sacada da Basílica vaticana, abençoaram a imensa multidão reunida na Praça de São Pedro, um gesto sem precedentes de respeito entre os dois grandes hierarcas do Oriente e do Ocidente.

Hoje o sucessor do Patriarca Demétrio é Sua Santidade Bartolomeu, 270º Bispo da Igreja local. Como Arcebispo de Constantinopla, Nova Roma e Patriarca Ecumênico, o Patriarca Bartolomeu ocupa a Primeira Sede da Igreja Ortodoxa e preside-a em um espírito fraterno como o seu primeiro-entre-pares. O Patriarca Ecumênico Bartolomeu, entronizado em 2 de novembro de 1991, é o líder espiritual de cerca de 300 milhões de fiéis no mundo, servindo como porta-voz da Igreja como um todo.

O Patriarcado Ecumênico de Constantinopla ocupa o primeiro lugar entre os outros Patriarcados e Igrejas Ortodoxas Autônomas e Autocéfalas em todo o mundo. O

Patriarca Ecumênico Bartolomeu tem sob sua responsabilidade histórica e teológica a iniciativa e coordenação das atividades interortodoxas das Igrejas de Alexandria, Antioquia, Jerusalém, Rússia, Sérvia, Romênia, Bulgária, Geórgia, Chipre, Grécia, Polônia, Albânia, Repúblicas Checa e Eslováquia, Finlândia, Estônia e numerosas eparquias no velho e novo mundo.

O papel preciso e a posição da Igreja de Constantinopla foram definidos há quase 1700 anos. Nem as mudanças de governo, das nações, da sociedade como um todo, das culturas dominantes, nem as perseguições ativas jamais foram capazes de enfraquecer a posição do Patriarcado Ecumênico no mundo cristão.

O Patriarcado Ecumênico patrocinou muitas missões evangelizadoras ao longo dos séculos, desde a conversão da antiga «Rus» de Kiev, no século X, até a Coreia do Sul e o Extremo Oriente, no presente. Como resultado de sua liderança pastoral no mundo ortodoxo, o Patriarcado Ecumênico continua a ser a chama ardente da Ortodoxia, preservando a luz inextinguível do cristianismo.

O Patriarcado Ecumênico está ativamente engajado em diversas atividades eclesiais, incorpora uma dinâmica liderança no movimento ecumênico, e participa plenamente nos trabalhos do Conselho Mundial de Igrejas, como membro fundador, através de sua representação permanente em Genebra, Suíça. Além disso, participa de muitas comissões bilaterais de diálogo com outras Igrejas Cristãs, como a Igreja Católica Romana, a Comunhão Anglicana, as Igrejas Cristãs orientais, a Igreja Luterana e a Igreja Reformada, entre outras, e com religiões monoteístas como o judaísmo e o islã.

É missão do Patriarcado Ecumênico testemunhar o mistério da unidade ortodoxa. Sua primazia na Ortodoxia é uma «primazia do serviço», não tão autoridade sobre as outras Igrejas Ortodoxas.

Atualmente, o Patriarca Bartolomeu incorpora a memória da vida e do sacrifício da Igreja Ortodoxa Mártir do século XXI. Depois de ascender ao Trono Ecumênico, em 1991, viajou pelo mundo ortodoxo levando uma mensagem de restauração e renovada esperança. Promoveu a restauração da Igreja Autocéfala da Albânia e da Igreja Autônoma da Estônia. Tem sido uma fonte permanente de apoio moral e espiritual para esses países tradicionalmente ortodoxos que ressurgiram após décadas de perseguição religiosa em larga escala por detrás da «Cortina de Ferro». É um testemunho vivo frente ao mundo da dolorosa e redentora luta da Ortodoxia pela liberdade religiosa e pela dignidade inerente da pessoa humana.

O cristianismo ortodoxo está situado nas linhas divisórias da civilização moderna, entre o Ocidente, o Islã, o Judaísmo e o Extremo Oriente. Cristãos ortodoxos convivem com cristãos do Ocidente, bem como com os muçulmanos e judeus do Oriente Médio, hindus e budistas do Extremo Oriente.

Em novembro de 1996, o Patriarca Bartolomeu fez a primeira visita de um Patriarca Ecumênico a Hong Kong. Instituiu lá uma Arquidiocese Ortodoxa, que, quando Hong Kong retornou ao controle de Pequim, em 1 de julho de 1997, tornou-se a primeira presença oficial do cristianismo ortodoxo na China, após a Segunda Guerra Mundial.

Como cidadão da Turquia, a experiência pessoal do Patriarca Bartolomeu lhe dá uma perspectiva única para prosseguir o diálogo entre o mundo cristão e o mundo islâmico. Fez contribuições valiosas para a resolução global de conflitos e para a construção da paz, como no caso da antiga Jugoslávia. Tem trabalhado insistentemente para promover a reconciliação entre as comunidades católica, islâmica e ortodoxa na região.

O Patriarca Bartolomeu emergiu como uma singular força para a renovação da Igreja Ortodoxa, de modo a continuar a cumprir seu papel como mediadora entre o Oriente e o Ocidente. Em seu papel de Patriarca Ecumênico, reuniu por diversas vezes os líderes das Igrejas Ortodoxas ao redor do mundo, pedindo-lhes que prosseguissem vigorosamente na busca de soluções para os desafios do novo milênio. Juntamente com Ss. Ss. os Papas João Paulo II, Bento XVI e Francisco, promoveram avanços sem precedentes na reconciliação entre a Igreja Católica Romana e a Igreja Ortodoxa.

O papel do Patriarca Ecumênico, como o principal líder espiritual do mundo cristão ortodoxo e como figura transnacional de relevância universal, permanece cada vez mais ativo ao longo do tempo. Ele co-patrocinou a Conferência para a Paz e a Tolerância realizada em Istambul, em 1994, reunindo cristãos, islâmicos e judeus. Com Sua Alteza Real Príncipe Philip da Grã-Bretanha, co-patrocinou uma Conferência Anual sobre o Meio Ambiente. S. S. é membro fundador e vice-presidente da Sociedade de Direito Canônico das Igrejas Orientais. Foi membro da Comissão de Fé e Ordem do Conselho Mundial de Igrejas por 15 anos, oito dos quais foi seu vice-presidente. Participou das Assembleias Gerais (IV, VI e VII) do Conselho Mundial de Igrejas e, neste último foi eleito membro dos Comitês Executivo e Central. Tudo isso, juntamente com seus esforços inspirados pela liberdade religiosa e pelos direitos humanos, coloca o Patriarca Ecumênico Bartolomeu no posto dos mais notáveis apóstolos do amor, da paz e da reconciliação da humanidade.



## NOTAS

[1] Mt 16:18.

[2] Πηδάλιον, Εκδόσεις Παπαδημητρίου, από τὸ 1896, p. 157: «Τὸν μὲν Κωνσταντινουπόλεως Ἐπίσκοπον ἔχειν τὰ πρεσβεῖα τῆς τιμῆς μετὰ τὸν τῆς Ρώμης Ἐπίσκοπον, διὰ τὸ εἶναι αὐτὴν Νέαν Ρώμην.

[3] Πηδάλιον, Εκδόσεις Παπαδημητρίου, από τὸ 1896, p. 206: «Πανταχοῦ τοῖς τῶν ἁγίων Πατέρων ὄροις ἐπόμενοι, καὶ τὸν ἀρτίως ἀναγνωσθέντα κανόνα τῶν ἑκατὸν πενήκοντα θεοφιλέστατων ἐπισκόπων, τῶν συναχθέντων ἐπὶ τοῦ τῆς εὐσεβοῦς μνήμης Μεγάλου Θεοδοσίου, τοῦ γενομένου βασιλέως ἐν τῇ βασιλίδι Κωνσταντινουπόλεως Νέα Ρώμη, γνωρίζοντες, τὰ αὐτὰ καὶ ἡμεῖς ὀρίζομέν τε καὶ ψηφίζομεθα περὶ τῶν πρεσβείων τῆς ἀγιοτάτης ἐκκλησίας τῆς αὐτῆς Κωνσταντινουπόλεως Νέας Ρώμης· καὶ γὰρ τῷ θρόνῳ τῆς πρεσβυτέρας Ρώμης, διὰ τὸ βασιλεύειν τὴν πόλιν ἐκείνην, οἱ Πατέρες εἰκότως ἀποδεδώκασιν τὰ πρεσβεῖα. Καὶ τῷ αὐτῷ σκοπῷ κινούμενοι οἱ ἑκατὸν πενήκοντα θεοφιλέστατοι ἐπίσκοποι, τὰ ἴσα πρεσβεῖα ἀπένειμαν τῷ τῆς Νέας Ρώμης ἀγιοτάτῳ θρόνῳ, εὐλόγως κρίναντες, τὴν βασιλεία καὶ συγκλήτῳ τιμηθεῖσαν πόλιν, καὶ τῶν ἴσων ἀπολαύουσαν πρεσβείων τῇ πρεσβυτέρῃ βασιλίδι Ρώμῃ, καὶ ἐν τοῖς ἐκκλησιαστικοῖς ὡς

ἐκείνην μεγαλύνεσθαι πράγμασι, δευτέραν μετ' ἐκείνην ὑπάρχουσαν. Καὶ ὥστε τοὺς τῆς Ποντικῆς, καὶ τῆς Ἀσιανῆς, καὶ τῆς Θρακικῆς διοικήσεως μητροπολίτας μόνους, ἔτι δὲ καὶ τοὺς ἐν τοῖς βαρβαρικοῖς ἐπισκόπους τῶν προειρημένων διοικήσεων χειροτονεῖσθαι ὑπὸ τοῦ προειρημένου ἀγιοτάτου θρόνου τῆς κατὰ Κωνσταντινούπολιν ἀγιοτάτης ἐκκλησίας· δηλαδὴ ἐκάστου μητροπολίτου τῶν προειρημένων διοικήσεων μετὰ τῶν τῆς ἐπαρχίας ἐπισκόπων χειροτονοῦντος τοὺς τῆς ἐπαρχίας ἐπισκόπους, καθὼς τοῖς θείοις κανόσι διηγόρευται· χειροτονεῖσθαι δέ, καθὼς εἴρηται, τοὺς μητροπολίτας τῶν προειρημένων διοικήσεων παρὰ τοῦ Κωνσταντινουπόλεως ἀρχιεπισκόπου, ψηφισμάτων συμφώνων κατὰ τὸ ἔθος γινομένων, καὶ ἐπ' αὐτὸν ἀναφερομένων.»

[4] F. DVORNICK, *The Photian Schism, History and Legend*, Cambridge, 1970 (2a. edição).

[5] *Ou seja, o uso pelos ortodoxos do pão com levedura na Eucaristia, em contraste com o pão sem fermento da Igreja Latina.*

[6] *A Epiclesis é a invocação que o sacerdote faz ao Espírito Santo durante a Divina Liturgia para que santifique e converta os santos dons no Corpo e no Sangue do Senhor*

[7] *A visão do Patriarca Athenagoras e seu sonho se fez realidade em junho de 2016, na ilha de Creta, quando finalmente, após sessenta anos, teve lugar o Santo e Grande Concílio da Igreja Ortodoxa.*

---

FONTE: [www.ortodoxia.com.ar](http://www.ortodoxia.com.ar)

(Site da Sacra Arquidiocese de Buenos Aires e América do Sul)

Traduzido por: Pe. André Sperandio